

Dinâmicas sociais e suas sonoridades: a paisagem sonora da Grande São Luís durante a pandemia de Covid-19

Dinámica social y sus sonidos: el paisaje sonoro del Gran São Luís durante la pandemia Covid-19

Social Dynamics and their sonorities: the soundscape of the Greater São Luís during the Covid-19 pandemic



Rosinete de Jesus Silva Ferreira¹

Carlos Benedito Alves da Silva Júnior²

Jefferson Saylor Lima de Sousa³

Resumo: O objetivo deste texto foi compreender o cenário das transformações sonoras e seus possíveis efeitos psicossociais na região central de São Luís-Maranhão, na região nordeste do Brasil. A partir de mudanças decorrentes da pandemia da COVID-19, apresentamos uma discussão sobre as sonoridades antes e durante o ano de 2020. Utilizamos metodologia qualitativa e coleta de dados através de questionário on line. Como resultado de pesquisa, observamos uma alteração sonora que se desloca dos sons cotidianos de carros, vendedores ambulantes e pedestres para o silêncio e cantar dos pássaros.

Palavras-chave: Covid-19. Paisagem Sonora. Grande São Luís.

Resumen: El objetivo de este texto fue comprender el escenario de las transformaciones sonoras y sus posibles efectos psicossociales en la región central de São Luís, estado de Maranhão, al noreste de Brasil. Con base en los cambios derivados a la pandemia COVID-19, se presenta una discusión sobre las sonoridades antes y durante el año 2020. Se utilizó la metodología cualitativa y la recopilación de datos mediante un cuestionario en línea. Como resultado de la investigación, se observa una alteración sonora que va

¹ Doutora em Psicologia Social (UERJ), Mestre em Comunicação e Cultura (UFRJ) e Bacharel em Comunicação Social – Radialismo (UFMA).

² Doutorando em Comunicação Social (UFPA). Mestre em Administração (UFMS) e Bacharel em Comunicação Social – Radia

³ Mestrando em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Profissional da Universidade Federal do Maranhão (PPGCOMPRO-UFMA). Bacharel em Comunicação Social - Rádio e TV (UFMA).

desde los sonidos cotidianos de los autos, vendedores ambulantes y peatones hasta el silencio y el canto de los pájaros

Palabras clave: Covid-19. Paisaje sonoro. Gran São Luís.

Abstract: The objective of this text was to understand the scenario of sound transformations and its possible psychosocial effects in the central region of São Luís - Maranhão in the northeastern region of Brazil. Based on changes resulting from the COVID-19 pandemic, we present a discussion about the sonorities before and during the year 2020. We used qualitative methodology and data collection through on line questionnaire. As a research result, we observed a sound change that shifts from the everyday sounds of cars, street vendors and pedestrians to the silence and singing of birds.

Keywords: Covid-19. Soundscape. Greater São Luís

Introdução

A Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou, em 30 de janeiro de 2020, que o surto da doença causada pelo novo coronavírus (Covid-19) constitui uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (OMS, 2020). Logo depois em 11 de março de 2020, a Covid-19 foi caracterizada pela OMS como uma pandemia. O contexto de pandemia é descrito por uma doença infecciosa e contagiosa que se espalha muito rapidamente e acaba por atingir uma região inteira, um país, continente (AURELIO, 2010).

As mudanças foram extensivas aos contratos de trabalho que saíram do plano físico e passaram a acontecer de modo remoto; as atividades de consumo se transportaram para plataforma web e tomaram forma de *delivery*, *e-commerce*, *vídeo calls* etc. As escolas passaram da relação professor-aluno para serem mediadas por aplicativos e plataformas de vídeo. Os encontros sociais e reuniões familiares passaram a acontecer em forma de *lives* e como consequência de todas essas transformações percebeu-se uma alteração significativa nas paisagens urbanas, onde as pessoas não saíam mais - em sua maioria - nas primeiras horas da manhã para pegar a condução rumo ao trabalho, criando assim, uma concentração nos pontos de ônibus. Tornamo-nos mais imersos no nosso silêncio e nas sonoridades presentes no cotidiano, que não chamavam tanto a nossa atenção: o som da chuva e até mesmo o canto dos pássaros, que passamos a ouvir com mais brandura. Nossa vivência constitui-se agora de ambientes cujas sonoridades que antes eram negligenciadas tornaram-se mais audíveis.

É certo que para além dos riscos à saúde física que a Covid-19 carrega, há também danos psicossociais significativos que merecem atenção especial. A Organização das Nações Unidas (ONU, 2020) confirmou que a doença está gerando estresse na população diante dos riscos de contaminação, incerteza, isolamento social, possibilidade de desemprego e outras consequências que atingem diretamente o comportamento mental. Segundo a Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ, 2020), os aspectos psicossociais também são fatores importantes, pois estão relacionados à vulnerabilidade que incluem segurança, risco de saúde, medo da perda de amigos e familiares e até mesmo da morte. Impotência diante de uma situação que aparentemente não tem controle, o que certamente ocasiona sentimentos de tristeza, angústia e até depressão.

Porém, aspectos não tão negativos também podem ser observados durante a pandemia. O podcast da Folha, *Café da Manhã* (2020), aponta algumas reflexões sobre os efeitos da pandemia Covid-19. Segundo a emissão sonora do dia 22 de maio de 2020, de acordo com a reportagem, há sintomas de melhoramento nos aspectos ambientais que podem ser observados nos grandes parques e reservas ambientais onde já se percebe maior presença de animais. Amaral (2020), no Blog *Ambiência*², ressalta que a diminuição da poluição advinda do setor de transportes de superfície, das indústrias e aviação provocada pelo confinamento já impactam no cenário ambiental.

Desta forma, o presente texto tem como objetivo apresentar uma reflexão sobre as paisagens sonoras urbanas, suas possíveis sonoridades e a relação estabelecida com a mudança de comportamento social provocada pela pandemia. A partir das mudanças identificadas na paisagem sonora, tomamos como objeto de estudo alguns bairros da Região Metropolitana de São Luís³ no primeiro semestre de 2020, período de realização de lockdown por parte dos órgãos de saúde pública (o Maranhão, por sinal, foi o primeiro estado brasileiro a adotar a medida nas áreas de grande concentração populacional)⁴. Um total de 29 bairros foi envolvido na pesquisa por meio de resposta de participantes em formulário digital aplicado com o objetivo de termos um resultado mais próximo da dinâmica vivida em toda a ilha durante a pandemia.

² <https://ambiencia.blogfolha.uol.com.br/2020/05/19/emissoes-de-carbono-no-mundo-cairam-17-durante-pico-do-confinamento/> (Acesso em: ago. 2020)

³ Também denominada Grande São Luís, formada pelos quatro municípios localizados na Ilha de São Luís. São eles: Raposa, Paço do Lumiar, São José de Ribamar e São Luís, capital do Estado do Maranhão.

⁴ <https://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2020/05/05/lockdown-comeca-no-maranhao-em-sao-luis-governo-fiscaliza-motoristas.ghtml> (Acesso em: ago. 2020)

1 Entendendo a paisagem sonora

Imagine que você precisasse descrever sua casa em termos visuais. Certamente, você destacaria as dimensões dos espaços, a quantidade de cômodos, as cores das paredes, dos revestimentos e do piso. Dependendo do horário, possivelmente realçaria a luminosidade solar ou a luz artificial incidindo sobre os móveis, eletrodomésticos e objetos de decoração. Agora, e se você fosse convidado a descrever sua casa em termos sonoros, o que destacaria? Quantos sons formam o seu ambiente familiar?

É bastante provável que o parágrafo anterior tenha provocado uma pausa na leitura para que você pudesse refletir sobre o ambiente doméstico, sobre as características desse espaço, suas peculiaridades. Talvez, o leitor nunca tivesse se preocupado em identificar a sua casa em termos sonoros, pois, em uma sociedade marcadamente imagética, os sons costumam ocupar um lugar de menor destaque. Contudo, não devemos menosprezar os efeitos psicossociais dos ambientes sonoros nos quais estamos imersos.

É preciso ter em conta que os indivíduos tendem a coincidir, dentro de margens muito estreitas, em suas percepções mediante estímulos idênticos (RODRIGUEZ, 2006), ou seja, estão sempre em busca de elos em comum que provoquem nos sentidos humanos uma necessidade de se agrupar e observar tais fenômenos de maneira próxima. No caso do som – ondas físicas – os indivíduos são estimulados constantemente pelas formas sonoras as quais estão sujeitos e a maneira como elas ressoam em seu estilo de vida. Retomemos a ilustração inicial da casa enquanto espaço sonoro. Quantas sensações sentimos de acordo com a sonoridade da casa? Sossego, quando está mais silenciosa; agitação, quando a casa está cheia; raiva, quando a música indesejada do vizinho invade o nosso espaço; angústia, quando um som desconhecido dá a impressão de que algo está errado.

Seja qual for a sensação – e nossa lista não tem a pretensão de esgotá-las – o fato é que diferentes formas de organização do espectro sonoro provocam sensações tímbricas que, por sua vez, desencadeiam aspectos psicossociais. Portanto, estamos tratando da relação das pessoas com os sons de seus ambientes e sobre os acontecimentos oriundos da modificação desses sons. Assim, a nossa perspectiva de paisagem sonora consiste em “eventos *ouvidos* e não em objetos *vistos*” (SCHAFER, 2011, p.2). Ainda nesta

perspectiva, tais eventos podem se referir tanto a composições musicais, quanto a programas radiofônicos ou um ambiente acústico.

Por meio de formulário aplicado via *Google Forms*, esse estudo foi condicionado a selecionar pontos diversos de um espaço acústico – bairros da Grande São Luís⁵ – traduzindo-os em objeto sonoro por meio da descoberta de aspectos significativos dos sons, quer seja por sua importância, individualidade ou preponderância junto ao ambiente e, principalmente, os indivíduos inseridos nele. Obviamente, que num espaço geográfico extenso quanto o aqui analisado, a gama de sons diferentes é imensa e pode variar muito no decorrer do tempo. Por isso, veremos mais adiante os recortes aplicados na pesquisa para que pudéssemos dar conta da análise proposta.

A Região Metropolitana de São Luís é uma localidade eminentemente urbana, com uma densa concentração populacional onde, conseqüentemente, podemos inferir em um ambiente acústico com alto nível de ruído ambiental e uma densidade sonora elevada no qual os sons se sobrepõem frequentemente. A este tipo de paisagem sonora Schafer (2011, p.71) dará o nome de *lo-fi*, pois nela, “os sinais acústicos individuais são obscurecidos em uma população de sons superdensa”. Para compreender esse conceito, o autor faz uma alusão à premissa da percepção visual da figura e do fundo, onde a figura é o que de fato se vê, e ao fundo cabe o papel de contorno, moldura, oferecendo uma perspectiva para a figura. No ambiente sonoro *lo-fi* essa distinção entre figura e fundo se perde, é como se não houvesse distância entre os sons, apenas presença, derivando uma necessidade de amplificação sonora cada vez mais intensa.

Tal necessidade vem provocando ao longo do tempo um aumento da quantidade e do volume dos sons, provocando mudanças na paisagem sonora do mundo. Os lugares da vida humana se tornam ambientes cada vez mais ruidosos. Para Obici (2008, p.67), “o ruído opera em uma velocidade de diferenciação exorbitante, a ponto de produzir tantas diferenças em tão pouco tempo que não conseguimos distingui-las”. Rodriguez (2011) alerta que aquilo que costumamos chamar de ruídos são na verdade formas sonoras diferentes entre si, mas que dada a mistura de frequências audíveis tão heterogêneas a percepção humana não tem capacidade de discriminação. Daí, deriva o aspecto universal

⁵ A seleção dos bairros não foi promovida pelos pesquisadores. Após respostas em formulário digital foi-se revelado o corpus de análise. Dentre os 29 bairros citados há diferentes perspectivas. Existem bairros habitacionais e comerciais; bairros localizados em zonas periféricas e bairros de forte concentração econômica. O princípio da aleatoriedade aplicado pelo formulário enriquece a pesquisa ao possibilitar vislumbrar diversas concepções da comunidade acústica da Grande São Luís.

do ruído como o som não desejado e, por este caráter funcionalista, como “os sons que aprendemos a ignorar” (SCHAFER, 2011, p.18).

Contudo, essa modulação dos sons constrói um ritmo próprio dos ambientes urbanos, uma rede de códigos sonoros em constante mutação. Aqui, tratamos o ritmo não como uma temporalidade métrica, mas, nos termos de Obici (2008, p.66), como “uma condição expressiva daquilo que está em constante diferenciação”. É a relação dessa expressão sonora das cidades com sua provável variação de intensidades provocada pelas medidas de isolamento social de combate à Covid-19, que nos interessa neste estudo.

Podemos dizer, com base nos estudos de Rodriguez (2011), que estamos tratando de uma configuração acústica que tende a ser percebida como um bloco sonoro unitário, respondendo às leis da física – no que concerne ao som – e às leis fisiológicas e psicológicas, no que concerne à percepção auditiva. Sem esquecermos de que a percepção das formas sonoras é em grande medida cultural, pois os seres humanos aprendem a escutar, selecionar e interpretar os sons do ambiente a partir de uma percepção categorial. Assim, para além da limitação geográfica na qual esta pesquisa está circunscrita, interessa compreender o universo dos nossos respondentes como uma comunidade definida por efeitos sônicos, cujas características descreveremos a seguir.

2 Percepção das sonoridades na região da Grande São Luís

A partir da exposição do cenário, passamos à compreensão da metodologia. Definiu-se como estratégia de ação a metodologia de Triangulação Concomitante [QUAN + QUAL] oriunda da Pesquisa de Métodos Mistos sugerida por John W. Creswell. A pesquisa fundamenta-se em uma concepção pragmática onde “o pesquisador baseia a investigação na suposição de que a coleta de diversos tipos de dados proporciona um melhor entendimento do problema da pesquisa” (CRESWELL, 2010, p.43). Para sustentar a metodologia o instrumento de coleta de dados utilizado foi o questionário valendo-se de perguntas, fechadas (objetivas), abertas (subjetivas) e mistas (fechadas e abertas). Dessa forma, os dados quantitativos (encontrados nas perguntas fechadas) e qualitativos (encontrados nas perguntas abertas e mistas) estão presentes num único momento de coleta garantindo assim a noção de simultaneidade da aplicação da metodologia já citada.

Quanto ao questionário, tal instrumento foi aplicado do período de 24 de junho de 2020 a 15 de julho de 2020, por meio da ferramenta *Google Forms*. Um total de 40 questões foram direcionadas e contabilizaram-se 56 participações. Dessas, 46,5% identificaram-se como homens e 53,5% identificaram-se como mulheres. Todos os respondentes informaram encontrar-se na faixa etária de 20 a 59 anos.

Entre outros dados relevantes obtidos nas perguntas iniciais (identificação dos participantes) cerca de 41% das interações correspondem a participantes com renda salarial acima de cinco salários mínimos (>R\$ 5.225,00), 10,8% recebem até cinco salários mínimos, 25% recebem até 3 salários mínimos e 23,2% recebem até um salário mínimo. Além disso, 39,2% das interações disseram morar em “Casa em rua do bairro”. 26,7% disseram morar em “Apartamento em prédio de condomínio fechado”, 16% disseram morar em “Casa de condomínio fechado”, 14,2% disseram morar em “Apartamento em prédio em rua do bairro” e 3,9% apresentaram outras opções de moradia⁶.

Sobre a rotina diária antes da pandemia de Covid-19 os participantes responderam que o dia que mais saíam de casa eram as segundas-feiras (43 respostas) e o dia que mais ficavam em casa era o domingo (40 respostas). Observou-se também que as interações tiveram respostas aproximadas para os demais dias da semana no tópico “sair de casa” e também que todos os dias da semana (com exceção do domingo) apresentaram diminuição no número de interações.

Perguntados sobre a rotina durante a pandemia de Covid-19 os participantes mantiveram a segunda-feira como o dia com mais interações para o tópico “sair de casa” só que apresentando um índice de 14 respostas (uma redução de 67,5% nas interações devido ao distanciamento social). Já sobre o tópico “ficar em casa” o domingo permaneceu com mais interações (46 respostas) apresentando acréscimo de 15% nestas. Observou-se que todos os dias da semana reportaram decréscimo de aproximadamente 20% no número de interações no tópico “sair de casa” em relação às respostas vinculadas ao momento antes da pandemia. Já para o tópico “ficar em casa” houve crescimento aproximado de 20% nas respostas dadas para todos os dias da semana.

Sobre isso, antes da pandemia de Covid-19, período de tempo mais citado pelos participantes como aquele em que mais estiveram “fora de casa” foi o 16h01-20h00 (40

⁶ Entre as respostas: kitnet e república estudantil.

respostas). Durante a pandemia de Covid-19 o período de tempo mais citado como aquele em que os participantes mais estiveram “fora de casa” foi o de 08h01-12h00 (22 respostas). Necessário observar que no tópico “ficava em casa”, tanto antes quanto durante a pandemia o período de tempo mais citado foi o 00h00-04h00, que obteve 44 respostas para o momento pré-pandemia e 48 respostas para o período de quarentena.

Correlacionando as respostas de antes e durante a pandemia é perceptível que houve decréscimo relativo de respostas no tópico “fora de casa” e crescimento expressivo de respostas no tópico “ficava em casa” onde todas as faixas de horário tiveram interações modificadas ratificando a tendência de adoção do distanciamento social por parte dos participantes discriminada na segunda etapa desta avaliação.

Percebeu-se assim que o distanciamento social foi obedecido por parte dos participantes. No entanto, como isso reverbera em sua relação com a percepção da paisagem sonora da comunidade que habitam? Como isso se traduz no lar? Tais reflexões nos levam a duas dimensões. A primeira, referente ao que compreendemos como percepção. Castanheira (2016) discorre que perceber pode ser tanto um processo quanto o resultado de um processo. No primeiro caso, perceber é uma atividade e no segundo, um estado. Aqui adotamos a perspectiva da atividade perceptiva, “cujo caráter fisiológico transparece em termos de *ver e ouvir*, não se referindo necessariamente a um estado atento” (CASTANHEIRA, 2016, p. 2). A segunda dimensão é a dos limites entre os espaços públicos e privados, no tocante ao som e como esses contornos ficaram ainda mais borrados no contexto da pandemia. Com isso, queremos reforçar o questionamento à ideia de escuta como algo natural e enfatizar que os contextos sociais também interferem em nossa experiência aural, conforme discorreremos a seguir.

2.1 Os sons dos bairros da ilha

A escuta que cartografa, portanto, é considerada a escuta que produz uma classificação subjetiva dos elementos pela posição que ocupam [...] cartografar é entendido neste contexto como o processo de tornar visível. (NAKAHODO, 2014, p.26)

Tomando como premissa o excerto acima, o seguinte tópico desenvolve-se a partir das observações acerca dos dados apresentados pelo questionário aplicado. Para isso nos valem de quatro perguntas fechadas, duas perguntas abertas e uma pergunta mista. Para conceituar teoricamente os dados trabalharemos com a noção de experiência aural defendida por Lilian Nakahodo (2014) que estaria relacionada à nossa capacidade de percepção dos efeitos sônicos/sonoros⁷ e de construir um momento interacional sensório-reflexivo. Por efeito sônico/sonoro entende-se que:

[...] pode ser ponderado também como um ponto de vista, ou melhor, ponto de escuta que leva em conta a posição no espaço adotada por um sujeito, na percepção de uma relação entre o ambiente concreto e sua carga circunstancial. (NAKAHODO, 2014, p.39)

A partir daqui essa é a maneira como nos referiremos aos elementos descritivos de sonoridades do bairro apontados pelos participantes da pesquisa. Tais elementos integram uma paisagem sonora urbana e podem ser encontrados na forma de sons fundamentais e sinais. Schafer (2001, p.185) relembra que “a paisagem sonora é um campo de interações mesmo quando particularizada dentro dos componentes de seus eventos sonoros”.

Dito isso, nos 29 bairros da Região Metropolitana de São Luís identificados nesta pesquisa é recorrente que alguns efeitos sônicos sejam comuns independente das circunstâncias de habitação (seja bairro residencial, comercial, condomínio fechado, apartamentos etc.). Para delimitação da pesquisa indicamos oito efeitos sônicos específicos⁸ comuns na paisagem sonora urbana de um bairro e deixamos aberta a indicação de qualquer outro não citado.

O grande número de respostas ao item “Trânsito de veículos” (44 respostas) evidencia que este seria o evento sônico mais recorrente nos bairros da ilha. Está relacionado à própria noção de movimento da cidade e a profusão de ruídos ali presentes. Quando relacionamos esse dado com o tópico “sons que você identifica nos horários mais barulhentos do seu bairro”, que foi uma pergunta aberta, comprova-se essa afirmação. Neste tópico aberto o evento sônico “carro” foi citado 17 vezes (a maior interação

⁷ Conceito apresentado inicialmente por Jean-François Augoyard e Henry Torgue no livro “*Sonic Experience: a guide to everyday sounds*” publicado em 1995.

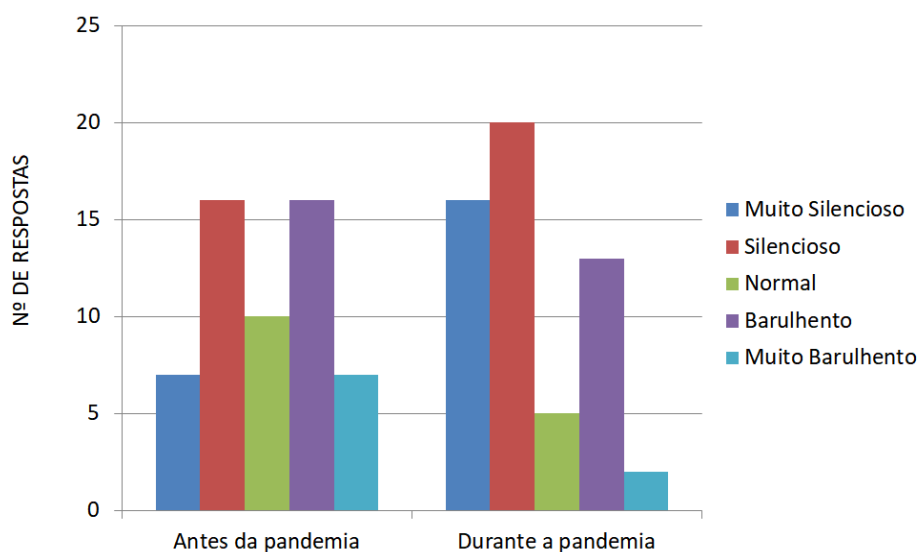
⁸ São eles: trânsito de veículos, feiras livres, praças públicas, carros de som, sistema de alto-falante em postes, escolas ou faculdades/universidades, comércio, locais de serviço.

registrada) e sua presença nas respostas estava acompanhada de situações específicas como: barulho dos freios, motor, buzina e/ou som automotivo. Todos esses efeitos são – para a paisagem sonora – sinais ouvidos conscientes e carregados de sentido. Tais sentidos estão relacionados à qualidade de vida oferecida pelos logradouros em relação aos níveis de imersão sonora.

A citação do efeito sônico “carro” com seu alto número de respostas evidencia também estar vinculada ao ritmo da cidade. Sobre as faixas de horários mais barulhentos e menos barulhentos nos bairros os resultados apontam que pelo menos 1/3 do dia é menos barulhento que o restante sendo predominante o fim da noite, madrugada e início da manhã. De 00h00-04h00 foram registradas 42 respostas para horário menos barulhento e de 04h01-08h00 foram registradas 39 respostas. O período mais barulhento (de 08h01 às 23h59) corresponde justamente ao intervalo de tempo dedicado ao trânsito de veículos na ilha. Quanto aos dias da semana mais barulhentos e menos barulhentos nos bairros os resultados apontam que sextas-feiras (43 respostas) e sábados (38 respostas) são os dias com mais sonoridade perceptível por parte dos participantes e a segunda-feira (30 respostas) é o dia menos barulhento. Essa situação pode ser explicada pelas interações apresentadas anteriormente. Os efeitos sônicos “vizinhos” e “casa de shows e festas privadas” detém o mérito para essa situação por se relacionarem como o movimento dos moradores em suas saídas e estadias em casa.

Para esta pesquisa procurou-se também compreender essa situação a partir da busca por obter dos participantes seu entendimento a respeito de silêncio e relaxamento considerando dois momentos: antes da pandemia e durante a pandemia.

GRÁFICO 1 – A percepção de intensidade sonora nos bairros da Grande São Luís



Fonte: NEEC/G-PEAC (2020)

Sobre a percepção da intensidade dos efeitos sônicos nos bairros antes da pandemia de Covid-19 [ver GRÁFICO 1], observa-se que até antes da pandemia toda a experiência aural dos participantes estava polarizada e influenciada pela rotina de saída e estadia em casa. O som dos bairros obviamente não são os mesmos, nem se encontram na mesma intensidade, mas – dada a sua característica enquanto sons fundamentais e sinais da paisagem sonora – tornam-se processos repetitivos e pouco percebidos. Na contramão dessa situação, quando o ponto de escuta sofre alterações de imediato modificam-se os resultados obtidos. Com ruas menos movimentadas devido ao distanciamento social promovido pela pandemia de Covid-19, efeitos sônicos como “Trânsito de veículos” e “Casas de show e festas privadas” tornam-se menos frequentes, o que influi na percepção de silêncio, (ou menos barulho/ruídos) apresentados ao longo da observação. Chama a atenção aqui o item “Barulhento” que sofreu alteração mínima para menos. Essa situação está relacionada ao aumento do tempo em casa gasto pelos participantes e se traduz em efeitos sônicos como “Vizinhos” e outras situações internas às residências a serem discutidas no próximo tópico.

Antes de analisarmos os sons dentro de casa foquemos na última etapa de perguntas sobre o som dos bairros da Ilha de São Luís. Sobre a sensação passada pela sonoridade percebida antes da pandemia de Covid-19, as respostas apontam que a

paisagem sonora dos bairros era vista como “Normal” (25 repostas)⁹. Com a aplicação das quarentenas voluntárias e oficializadas pelos órgãos públicos o movimento nas ruas diminuiu e essa sensação passou a ser considerada “Relaxante” (21 repostas)¹⁰.

2.2 Os sons dos lares da ilha

Em qualquer estudo histórico da paisagem sonora, o pesquisador será atingido repetidamente pelas mudanças sobrevindas nos hábitos perceptivos de uma sociedade, nos quais figura e fundo trocam de papel. (SCHAFER, 2001, p.146)

Quando apresentou essa afirmação em “*A Afinação do Mundo*”, R. Murray Schafer (2001) tratava de dialogar com uma possibilidade de observar a paisagem sonora sobre uma perspectiva auditiva da Teoria da Gestalt. A figura e fundo de que fala se traduz numa mudança de paradigma onde o visual tem seu foco substituído pelo auditivo. Essa substituição é aprofundada quando surge sua inquietação sobre a forma como cada um percebe (e constrói) a paisagem sonora ao seu redor. Trata-se das paredes sonoras.

As paredes sonoras costumam existir para isolar os sons [...] para o homem moderno a parede sonora tornou-se um fato tanto quanto a parede no espaço. [...] As paredes sonoras escondem as paisagens sonoras características por baixo de ficções. (SCHAFER, 2001, p.142-145)

Em linhas gerais as paredes sonoras são recortes construídos pelo ouvinte dentro da paisagem sonora onde ele se isola dela/nela, proporcionando opções antes não presentes (ou ainda não percebidas) de se relacionar com a mesma. É o distanciamento social um propiciador de uma parede sonora aos seus praticantes. A mudança de hábitos fora de casa reflete diretamente dentro do ambiente familiar e este por sua vez tem sua própria paisagem sonora alterada. Há mais conversas, interações ou mesmo nada disso¹¹. Ainda assim, cada lar detém um repertório único de efeitos sônicos que se dispersam ou acentuam. Ao longo dessa pesquisa pode-se observar como são construídas as paisagens sonoras dos lares participantes e como elas se remanejaram diante do inusitado.

⁹ Interações de antes da pandemia: "Muito Relaxante" - 10 repostas; "Relaxante" - 09 repostas; "Estressante" - 07 repostas; "Muito Estressante" - 05 repostas;

¹⁰ Interações durante a pandemia: "Muito Relaxante" - 15 repostas; "Normal" - 10 repostas; "Estressante" - 07 repostas; "Muito Estressante" - 03 repostas;

¹¹ Algumas repostas em tópicos abertos destacam não identificar ruídos ou perceber o silêncio do lar mesmo com a presença de muitas pessoas e ação de diversas atividades domésticas.

Quando consultados sobre com eram organizadas as estruturas familiares dos lares participantes o que se obteve foram os seguintes dados: 1 pessoa (12,5%), 2 pessoas (30,3%), 3 pessoas (16,3%), 4 pessoas (26,7%), + de 4 pessoas (14,2%). Esses dados ajudam a entender como se comporta a paisagem sonora dos lares quando observados os principais efeitos sônicos apontados no questionário. Indicamos nove opções e deixamos aberto uma última para respostas livres¹².

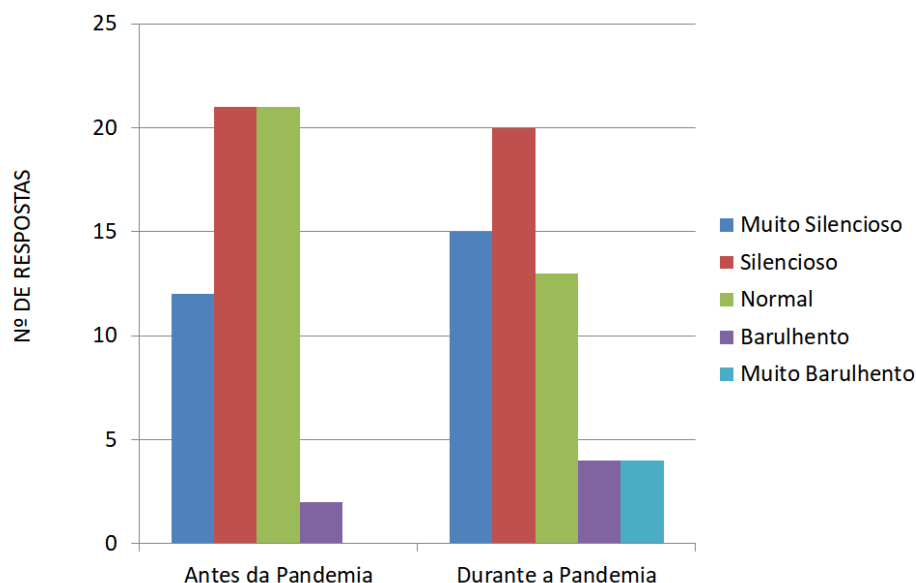
Com o maior número de respostas obtidas, o efeito sônico “TV” (48 respostas) destaca-se por ser o aparelho eletroeletrônico mais familiarizado ao público brasileiro. Da mesma maneira o efeito sônico “Smartphones” (37 respostas) apresenta-se como outra alternativa de rotina na paisagem sonora dos lares respondentes. Quando questionados sobre “sons que você identifica nos horários mais barulhentos da sua casa” esses efeitos sônicos são os mais citados pelas respostas abertas sendo 31 interações para “TV” e 13 interações para “Smartphones” sendo esse último especificado em diversas situações como ouvir música, jogos mobile, streaming de vídeo etc.

Dois outros efeitos sônicos listados com número assertivo de respostas “Utensílios domésticos” e “Pessoas que moram na casa” tem suas performances justificadas por outros tópicos do questionário. Quanto às faixas de horário, os períodos mais barulhentos no lar são de: 12h01-16h00 (33 respostas) e 16h01-20h00 (40 respostas). Já os períodos menos barulhentos são de: 00h00-04h00 (49 respostas) e 04h01-08h00 (44 respostas).

Assim, os horários mais barulhentos estão ligados ao tempo em que os moradores estão acordados e realizando atividades domésticas. O tempo de descanso corresponde aos momentos menos barulhentos.

GRÁFICO 2 – A percepção de intensidade sonora nos lares da Grande São Luís

¹² São eles: TV, aparelhos de som, máquina de costura, smartphones, utensílios domésticos, pessoas que moram na casa, instrumentos musicais, fones de ouvido, animais domésticos.



Fonte: NEEC/G-PEAC (2020)

Quanto aos dias da semana mais barulhentos e menos barulhentos dentro do conforto do lar as respostas são: 1) Mais barulhentos – sexta-feira (28 respostas) e sábado (31 respostas); 2) Menos barulhentos – domingo (31 respostas), segunda-feira (38 respostas), terça-feira (36 respostas), quarta-feira (34 respostas) e quinta-feira (30 respostas). Essa constituição de interações justifica-se pela rotina de saída e estadias em casa¹³. Já quanto à percepção de intensidade sonora nos lares o resultado obtido foi:

Antes da pandemia a sensação de silêncio variava entre “Silencioso” (21 respostas) e “Normal” (21 respostas) para a maioria dos participantes. Essas respostas estão relacionadas ao período de tempo de permanência no lar e à rotina de atividades executadas neles [bem como aos efeitos sônicos relacionados a isso]. Já durante a pandemia, tal sensação modificou-se e a interação mais recorrente foi o cenário “Silencioso” (20 respostas). Entre as respostas abertas – como já dissemos aqui – os sons produzidos pelas atividades domésticas e as conversas foram encaradas como sons repetitivos e pertinentes.

¹³ Lembre-se: o dia que mais ficavam em casa era o domingo (40 respostas) e o que mais saíam de casa era na segunda-feira (43 respostas).

Essa situação se reflete também no tópico da sensação de relaxamento onde antes da pandemia¹⁴ a sonoridade do lar foi considerada “Normal” para 23 participantes e “Relaxante” para 19 deles. Já durante a pandemia¹⁵ esse cenário tornou-se mais equilibrado aqueles que consideraram “Relaxante” mantiveram suas respostas, mas quanto àqueles que responderam ser “Normal” reduziram-se a apenas 11 participantes. Por sua vez, aqueles que consideraram “Muito Relaxante” subiram para 17 participantes (eram 13) e os que consideravam “Estressante” e “Muito Estressante” também aumentaram de 01 para 06 e de 00 para 03, respectivamente.

3 Análise dos resultados

Tal como Castanheira (2016, p.2) afirma, os resultados desta pesquisa partem “do pressuposto que essa investigação não pode ser vista como apenas uma coleta de dados do ambiente para posterior processamento interno”. Dessa forma, percebe-se que, para os participantes, a paisagem sonora – seja do bairro ou do lar – é composta de interações conscientes em relação às atividades e rotina de cada um e do que está ao redor. Sobre a relevância do som para esse olhar de como se comportam os indivíduos em seus ambientes urbanos seja na dita normalidade ou no inusitado, Nakahodo (2014, p.51) afirma que “é significativo em partes pelo que produz, mas principalmente pela circunstância sob as quais é escutado”. Castenheira (2016, p. 8) lembra-nos que “o ouvinte é parte ativa do mundo e não um observador deste”.

Já sobre a elaboração de um mapeamento sonoro ainda se pode dizer que por meio dele “identificamos, significamos e ressignificamos os sons em conexões rizomáticas com o mundo” numa perspectiva “validada na multiplicidade de narrativas e pontos de vista e nas experiências individuais cotidianas” (NAKAHODO, 2014, p.78 e p.81).

Em um comentário sintético a respeito dos resultados expressos nos GRÁFICO 1 e GRÁFICO 2, o que se percebe é que os participantes têm plena sensibilidade acerca das mudanças que vivenciaram durante o isolamento social imposto pela pandemia de Covid-19. A compreensão de que a paisagem sonora dos bairros onde moram foi modificada e

¹⁴ Relaxamento no lar antes da pandemia: “Muito Relaxante” – 13 respostas; “Relaxante” – 19 respostas; “Normal” – 23 respostas; “Estressante” – 01 resposta; “Muito Estressante” – 00 respostas;

¹⁵ Relaxamento no lar durante a pandemia: “Muito Relaxante” – 17 respostas; “Relaxante” – 19 respostas; “Normal” – 11 respostas; “Estressante” – 06 respostas; “Muito Estressante” – 03 respostas;

que a relação de ruídos em seus lares se intensificou revela que os sons não são elementos desconsiderados pela habilidade humana de socializar e comunicar, mas que precisam ser percebidos de maneira mais qualificada para poder gerar impressões a respeito do ambiente que nos envolve e dos comportamentos que adotamos. Essa percepção auditiva adotada pelos participantes e visualizada nos dados aqui expostos remetem ao que Mazer et al. (2020, p. 23) ao afirmar que:

Desse modo, o uso continuado de sons acessados em certas situações conforma um repertório sonoro que fornece uma estrutura para a agência e expectativas sensíveis para as ocasiões. O resultado é a cristalização de certos signos, ideias, e convenções nos sons e nos eventos em que estão presentes. Assim, as sonoridades, mais do que veículo para os sentidos em circulação em uma sociedade, funcionam como mediadores para as interações. [...] não escutamos aos sons, mas ouvimos nos sons, já que estes não são o objeto, mas o meio da percepção auditiva.

Esse entendimento nos leva a compreender o porquê para os participantes haver uma mudança significativa nas paisagens que vivenciam. Tendo suas rotinas alteradas, seu tempo e espaço foram modificados e em consequência sua relação com os sons foi ressignificada. Se a maioria dos respondentes vivia uma relação espaço-tempo onde a maior de seu dia era vivido longe de casa em decorrência do trabalho/estudo, ao ter isso invertido – e agora terem sido forçados a vivenciar mais tempo em casa – o estranhamento e por fim identificação dos sons nos lares revela a capacidade adaptativa do ser humano e que ela, muitas vezes, o leva a ignorar as muitas realidades e suas paisagens sonoras que o cercam. É preciso uma anomalia na realidade (no caso deste relato, uma pandemia) para que paisagens sonoras do lugar onde vivemos sejam devidamente percebidas, contudo essa já não é mais uma percepção da paisagem em si, mas sim de uma modificação sofrida por ela diante da mudança de rotina de todos.

Por fim, registra-se que paisagem sonora da Região Metropolitana de São Luís propicia a escuta de eventos sônicos carregados de sentidos paradoxais que vão desde a representação da celeridade e do ritmo de vida de quem ali mora, bem como a emulação de um aspecto provinciano (dos tempos passados relatados nos textos literários de seus renomados autores) em uma região que conta com uma metrópole habitada por mais de um milhão de pessoas, mas cujas noites ainda são marcadas pelo efeito sonoro do silêncio já que quase parada como se desse um descanso ao caos urbano chamado rotina, onde às

vezes não se percebia nem mesmo o gorjear dos pássaros, numa inferência ao poeta Gonçalves Dias.

Considerações

Ao declarar a Covid-19 como uma pandemia em 30 de janeiro de 2020, a Organização Mundial de Saúde, já alertava para um estado de emergência de saúde pública de importância internacional. A partir do primeiro caso, o vírus se espalhou pelo país, especialmente nas capitais, em uma velocidade muito rápida. A Grande São Luís teve um quadro sensível de óbitos. Foi a partir do número de mortes e da necessidade de uma intervenção mais rígida no cenário, que o isolamento social foi efetivado de fato. Só a capital São Luís tem hoje, segundo IBGE (2019), 1.094.664 habitantes.

Uma região com crescimento desordenado, que acumula consequências urbanas significativas como trânsito intenso tem, conseqüentemente, suas marcas sonoras emitidas constantemente durante o dia – mas se resigna ainda a um silenciamento durante muitas horas da noite contrastando com a urgência da rotina vivida sobre o período que se passa sobre a luz do Sol – é um ambiente mais que frutífero para estudos sobre a influência das sonoridades na construção de uma comunidade acústica que dialoga com os aspectos psicossociais de seus indivíduos.

Em nível de observação inicial, é nítido que algumas regiões da cidade os elementos humanos presentes nessa comunidade acústica conturbada conseguem discernir alguns sons que compõem a paisagem. Foi percebido sons fundamentais (naturais) como pássaros, ventos e etc. nas sonoridades do ambiente. Neste sentido, a pesquisa demonstrou que tanto em casa, quanto nos bairros o som dos pássaros (e a natureza de modo geral) ficou bastante evidente aos praticantes do isolamento social promovido pela pandemia. Como complemento desta sonoridade o silêncio foi também uma marca entre os pesquisados.

Observou-se ainda que as paisagens alteraram em torno das sonoridades tanto antes, quanto durante a pandemia. Observou-se também uma tendência de maior silêncio nos bairros e maior barulho nas casas. Estas sonoridades observadas estão diretamente ligadas ao maior número de pessoas da família no mesmo espaço. As conversas e reuniões familiares mostram a necessidade de estar com o outro, partilhar angústias e ansiedades. Por outro lado, de acordo com levantamento do Datafolha em conjunto com o Fórum

Brasileiro de Segurança Pública (2021), 4,3 milhões de mulheres brasileiras de 16 anos ou mais foram agredidas durante o período pandêmico. O que pode indicar que o barulho (sonoridades) ouvidos nas casas e apontado nos questionários, pode ser mais investigado por nós pesquisadores a partir de outras perspectivas que dialogam com as realidades presentes e escondidas nele.

A televisão foi apontada como um dos instrumentos que produz mais barulho dentro de casa, aliado à música alta e jogos fora de casa. Estas sonoridades em tempos de pandemia e isolamento podem apontar as interferências nas construções e representações mentais e sociais das pessoas. Salientamos que tais representações e problemas psicossociais podem acontecer em qualquer classe, no entanto a incidência dar-se em maior número aos grupos de vulnerabilidade. O confinamento pode acarretar níveis de estresse consideráveis e comprometer a saúde física e mental das pessoas.

Sabemos muito pouco ainda sobre os efeitos psicossociais que o Covid-19 pode deixar na sociedade. Porém, a certeza que tais efeitos têm origem em situações concretas de perda de familiares, pessoas próximas ou mesmo distante de nosso convívio. Situações de desemprego, violência doméstica, limitações de deslocamento, excesso ou ausência de sonoridades podem inscrever problemas psíquicos que somente com o tempo seremos capazes de relacionar ou não à pandemia do Covid-19 iniciada no ano de 2020.

Referências

CAFÉ DA MANHÃ. **Que lições ambientais podemos tirar da crise.** Podcast da Folha de São Paulo. Emissão do dia 22 de maio de 2020. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/4UiGIqdGorTphJ3jpSpLZ6?si=Q-hpLrbaQk-1KPouuzUIJg>.

CASTANHEIRA, J. C. S. Modelos de escuta: delineando o objeto de pesquisa. E-Compós, Brasília, v.19, n.2, maio/ago. 2016.

CRESWELL, John W. **Projeto de Pesquisa:** métodos qualitativo, quantitativo e misto. 3ª Ed. – Porto Alegre, RS: Artmed, 2010.

DATAFOLHA; FÓRUM Brasileiro de Segurança Pública. **Visível e Invisível: A Vitimização de Mulheres no Brasil** - 3ª edição – 2021, In. <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2021/06/relatorio-visivel-e-invisivel-3ed-2021-v3.pdf> Acesso em: 10 de outubro de 2022.

FIOCRUZ. **Fundação Oswaldo Cruz.** Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/observatorio-covid-19>. Acesso em: 12 de ago. 2020

HOLANDA. Aurélio Buarque de. **Dicionário de Língua Portuguesa.** Ed. Revista Atual.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ma/sao-luis.html>. Acesso em: 12 de ago. 2020.

MAZER, Dulce et al. O estudo das sonoridades: perspectivas teóricas e epistemológicas. In: CASTANHEIRA, José Cláudio S. et al. (Org). **Poderes do Som: políticas, escutas e identidades**. Florianópolis, SC; Insular Livros, 2020.

NAKAHODO, Lilian Nakao. **Cartografias Sonoras: um estudo sobre a produção de lugares a partir de práticas sonoras contemporâneas**. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal do Paraná, PPGM-UFPR, Curitiba, 2014.

OMS. **Organização Mundial de Saúde**. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19>. Acesso em 27 de mai. 2020

ONU. **Organização das Nações Unidas**. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2020/03/1707792>. Acesso em: 01 de jun. 2020

RODRIGUEZ, Angel. **A dimensão sonora da linguagem audiovisual**. São Paulo, SP: Editora SENAC-SP, 2006.

SCHAFER. Raymond Murray. **A afinação do mundo**. São Paulo, SP: Editora UNESP, 2001.